



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 13 | Nº. 24 | Jan./Jun. de 2021

Cid Morais Silveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN.

cidmoraisilveira@gmail.com

ENTRE A CARNE E A PEDRA, O CORPO DA CIDADE: um historiador experimentando as *madeleines* de Proust no sertão.

RESUMO

Este artigo trata de formas particulares de ver e dizer a cidade de Morrinhos, no interior do Ceará, tendo como referência a memória afetiva do autor. Pensando a partir da literatura como experiência da vida ordinária, da história das sensibilidades e da produção de subjetividades, o texto utiliza um conjunto de imagens para construir uma paisagem plural e sensível a respeito de um espaço sertanejo.

Palavras-chave: Morrinhos. Espaço. Memória. Sensibilidades.

BETWEEN MEAT AND STONE, THE BODY OF THE CITY: a historian experimenting with Proust's *madeleines* in the backlands.

ABSTRACT

This article deals with particular ways of seeing and saying the city of Morrinhos, in the interior of Ceará, with reference to the author's affective memory. Thinking from literature as an experience of ordinary life, the history of sensibilities and the production of subjectivities, the text uses a set of images to build a plural and sensitive landscape about a sertanejo space.

Keywords: Morrinhos. Space. Memory. Sensibilities.

Introdução¹

Mas, quando nada subsistisse de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis, porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações (PROUST, 2016, P. 56).

Em *As Cidades Invisíveis*, após o pôr do sol nas imediações do palácio real, Marco Polo relatava ao Grande Khan tudo sobre suas viagens pelas cidades do extenso império, resultado de suas missões diplomáticas. O horário não era coincidência: o soberano, de tanto saborear as narrativas do viajante, acabava perdendo-se no sono e se rendia aos sonhos. Porém, em certa ocasião, Kublai Khan não cedeu à fadiga e continuava a ouvir Marco Polo, que parecia cansado de tanto imaginar e narrar:

- Fale-me de outra cidade – insistia.
- ... O viajante põe-se a caminho e cavalga por três jornadas entre o vento nordeste e o noroeste... – prosseguia Marco, e relatava nomes e costumes e comércios de um grande número de terras. Podia-se dizer que o seu repertório era inexaurível, mas desta vez foi ele quem se rendeu. Ao amanhecer, disse: - Sire, já falei de todas as cidades que conheço.
- Resta apenas uma que você jamais menciona.
- Marco Polo abaixou a cabeça.
- Veneza – disse o Khan.
- Marco sorriu.
- E de que outra cidade imagina que eu estava falando?
- O imperador não se afetou.
- No entanto, você nunca citou o seu nome.
- E Polo:
- Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza.
- Quando pergunto das outras cidades, quero que me fale a respeito delas. E de Veneza quando pergunto a respeito de Veneza.
- Para distinguir as qualidades das outras cidades, devo partir de uma primeira que permanece implícita. No meu caso, trata-se de Veneza.
- Então você deveria começar a narração de suas viagens do ponto de partida, descrevendo Veneza inteira, ponto por ponto, sem omitir nenhuma das recordações que você tem dela.
- As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se – disse Polo – Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já a tenha perdido pouco a pouco (CALVINO, 2007, p. 82).

Correndo o mesmo risco que correu Marco Polo, de perder minha cidade no gesto mesmo de narrá-la, neste artigo desejo falar um pouco mais demoradamente sobre o corpo da cidade de Morrinhos, localizada no interior do Ceará, na região do Baixo

¹ O texto é uma adaptação de uma reflexão feita no primeiro capítulo da dissertação de mestrado “Fagueira esperança de melhores dias”: O Centro Social Morrinhense e a invenção da cidade emancipada (1952-1959), defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

Acaraú. O corpo que é visto por quem chega, o corpo que possui sabores, que possui cheiros, que possui curvas e que emite sons. Pensando desta forma, farei aqui uma descrição um pouco mais densa das muitas paisagens que compõem a cidade de Morrinhos, a partir da experiência afetiva de quem é dela filho e habitante, da experimentação de seus espaços. É preciso deixar claro aqui que não se trata de descrever Morrinhos em sua totalidade, pois não se vive em uma cidade inteira. As vivências e as memórias estão situadas em lugares específicos da cidade, em territórios singulares, embora eu deseje oferecer ao leitor um entendimento mínimo da totalidade de seu espaço.

Meu texto, especificamente neste tópico, será uma descrição motivada pela minha experiência afetiva com Morrinhos, pela minha forma de ver, sentir e ouvir a cidade, deslizando meu olhar entre o lugar e a metáfora. Embora Marco Polo tenha receio de falar de Veneza, com medo de perdê-la, eu estou aqui para fixar com palavras as bordas de minha memória afetiva sobre a cidade. Escrevo neste momento sobre Morrinhos para poder deixá-la. E adianto que isto não é tarefa fácil.

A cidade, enquanto um conceito e uma categoria de explicação, não pode ser apreendida apenas em suas dimensões política, econômica e social. A cidade é hoje o grande palco da vida humana. A cidade reserva uma riquíssima possibilidade de compreensão das produções de subjetividades e das experiências mais íntimas entre sujeitos e espaços. A cidade é corpo, e, em um determinado momento, foi pensada enquanto um corpo². A cidade é o espaço da carne e da pedra³. O arquiteto Joseph Rykwert já alertava para a ausência do toque, do cheiro e do que ele chamou de “revelações da cidade” nas análises de urbanistas, sociólogos, historiadores e demais profissionais que se aventuraram a esboçar uma análise dos espaços urbanos⁴. A cidade precisa ser refletida e construída na análise do historiador levando-se em consideração essas “revelações da cidade”, como o espaço onde as pessoas se movem, se veem, se

² Essa relação entre corpo e espaço, especificamente entre cidade e corpo, é nítida na obra do filósofo João de Salisbury, parisiense, que no século XVIII publicou um estudo voltado para uma proposta hierarquizada e funcionalista da cidade. Para ele, o governante era o cérebro; seus conselheiros seriam o coração da cidade; os comerciantes como o estômago; os soldados seriam as mãos e os trabalhadores os pés. Sobre isso, Ver: BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. 2ª edição. Petrópolis. Editora Vozes, 2012. p. 29-36.

³ Sobre a relação entre corpo e cidade, Ver: SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3ª ed., Rio de Janeiro, Record, 2003.

⁴ Rykwert, embora reconhecendo que pudesse sucumbir a uma superficialidade na análise, tentou pensar a cidade a partir de como ela se apresenta aos nossos sentidos, procurando perceber o que a ela pode revelar ou esconder, o que ele chamou de “revelações da cidade”. Para mais informações, Ver: RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade**, São Paulo: Martins Fontes, 2004.

tocam, sentem aromas e cheiros diversos, dos agradáveis aos desagradáveis, onde manifestam seus hábitos, seus amores, suas dores, seus medos e angústias. Onde sonham.

Entre o rio e os morros, Morrinhos: espaço, tempo e afeto.

Durante mais de uma década, pelo menos uma vez por ano, eu costumava subir o Serrote do Cafim com meu pai. Era, já naquele tempo, um caminho difícil de ser praticado. Íamos de moto até a altura de uma casinha que ficava no pé do morro, e de lá seguíamos a pé, castigando a sola das sandálias com um caminhar nada agradável. No meio do caminho, sempre me espetava nos espinhos do mandacaru ou temia pelo aparecimento repentino de um enxame de abelhas, o que me deixava sempre em alerta e aterrorizado. Meu pai parecia não se importar, só assoviava uma música de Renato e Seus Blue Caps e continuava caminhando. Parávamos de conversar sempre quando a subida se tornava mais íngreme e era preciso respirar um pouco mais. O assovio do meu pai dava lugar ao silvo fino do vento, que se fazia mais forte e intenso à medida que encarávamos a ladeira pedregosa. Mas para onde estávamos indo e por quê?

Do alto do Serrote do Cafim, uma elevação de 110 metros de altura e distante cerca de 1km do centro da cidade, considerado o cartão postal da cidade de Morrinhos, que contribuiu inclusive para seu nome, é possível ver uma forma urbana que parece dormir, deitada de lado, quase de bruços, na encosta do Morro da Boa Vista. Vislumbrá-la aí de cima é, sobretudo, lançar-lhe um olhar desembaraçado. É tentar vê-la por completo, ver todo o seu corpo, suas curvas, suas belezas e seus defeitos.

Vista de longe, suas ruas parecem retalhos de tapetes, desses que colocamos em nossa sala de estar, para receber as visitas e fingir harmonia. Mas esses retalhos não parecem arrumados. Sobem e descem, configuram-se em caminhos tortuosos, em ladeiras e subidas íngremes. Em alguns pontos, parece um tapete velho, rasgado, desbotado. Os carros e as motos que circulam na cidade, parecem pequenos grãos de poeira, que se movimentam pelo tapete quando alguém deixa a persiana da janela semiaberta e o vento entra sem avisar.

Do alto do Serrote do Cafim, é possível observar os principais pontos da cidade: os pequenos morros (morrinhos) que a cercam, suas praças, suas muitas torres de comunicação, o Rio Acaraú que banha os seus subúrbios, a igreja matriz, suas casas maiores e mais altas, suas ruas e as duas principais vias de acesso à cidade. É possível perceber que Morrinhos é uma cidade acanhada, angulosa, cheia de reentrâncias, de

altos e baixos. Mas quem desejar compreendê-la melhor, apenas a observando aqui de cima, não conseguirá, afinal, “a cidade não se revela em todos os seus segredos, por mais atento que seja o olhar de quem a observa. Ela é uma invenção humana, resultado de inúmeras aventuras, territórios das múltiplas travessias da cultura” (REZENDE, 2007, p. 11). É preciso descer e impregnar-se da cidade, é preciso embrenhar-se em e embeber-se de Morrinhos.

Quando começava a anoitecer e as primeiras luzes da cidade eram acesas, nós descíamos com cuidado e, vez por outra, escorregávamos nas pedras e mais uma vez eu me espetava nos espinhos do mandacaru. Depois de alguns anos, meu pai não aguentou mais subir. O tempo já havia dito para suas finas pernas e seus pés pequenos, que aquela viagem se tornaria impossível. Nunca mais praticamos aquele lugar, e ele logo se tornou um espaço cada vez mais ausente em nossas lembranças.

Em *As Cidades Invisíveis*, o viajante veneziano Marco Polo afirma que há duas maneiras de se chegar em Despina: de navio ou de camelo, e essa “cidade se apresenta de forma diferente, para quem chega por terra ou por mar” (CALVINO, 2007, p. 21). No Recife de Gilberto Freyre, de acordo com seu *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, a cidade também se apresenta de forma diferente ao viajante que lá chega, por mar, trem ou avião, mas “a nenhum, porém, a cidade se entrega imediatamente” (FREYRE, 2007, p. 23). Em Morrinhos não é diferente.

Costuma-se dizer por aqui que há duas possibilidades de se chegar em Morrinhos: pelo sertão ou pelo litoral. “Sertão” e “litoral”, duas categorias espaciais que serviram para pensar o espaço do que viria a ser o Brasil, desde a carta de Caminha. Essa dualidade espacial, sertão/litoral, permeou e foi parte constitutiva do imaginário social⁵ sobre o Brasil e as cidades brasileiras⁶. Mas, no caso de Morrinhos, emprega-se essa divisão por conta de uma particularidade em sua paisagem: se se chega à cidade pela Avenida Alcides Rocha, diz-se que se chegou pela passagem do “sertão”, porque aí a caatinga é implacável e as carnaubeiras desfilam sua tristeza à beira das estradas. Já na Avenida Coração de Maria, o caminho do “litoral”, nota-se um grande número de

⁵ O historiador Bronislaw Baczko afirma que o termo “imaginário social” se configura como um conjunto de imagens, de sentidos, de estratégias de evocação, de ideias e representações coletivas fundamentadas socialmente e localizadas historicamente. Sobre o conceito de imaginário social, Ver :BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Antropos, 1985.

⁶ Sobre essa discussão, Ver: PEIXOTO, Fernanda Arêas. As cidades nas narrativas sobre o Brasil. In: FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006, p. 177-198.

cajueiros e uma vegetação mais esverdeada, o que contrasta com a sequeidão amarronzada do outro lado. São duas avenidas largas, cortadas ao meio por rodovias estaduais, as CE-178 e 179.

Ambas as avenidas se encontram no “Triângulo de Morrinhos”, que simboliza a divisão entre dois bairros, o Centro e São Luís. É também o início de uma das principais e maiores ruas da cidade: Rua Joaquim Coriolano da Rocha. Esta rua, outrora conhecida por Rua da Piçarra, por conta do acúmulo de barro vermelho em seu solo, ou Rua do Comércio, pelo fato de abrigar diversas lojas e o mercado público da cidade, ainda hoje, possui o maior número de pontos comerciais da cidade, localizados em um mesmo lugar. As residências, geralmente construídas no andar superior das lojas, são uma pequena minoria. São mercadinhos, depósitos de bebidas, lojas de roupas e sapatos, oficinas, lanchonetes, pontos de venda de rações e medicamentos para animais, frigoríficos, colégios, restaurantes, delegacia, uma lotérica, uma agência bancária e o Mercado Público.

A rua também compreende, dentro de seus limites, a Praça Edward Silveira. Foi nessa praça que tive o primeiro contato, ou pelo menos que consigo lembrar, com um monumento edificado em memória a alguém: o busto do ex-prefeito Edward Silveira, que cometeu suicídio na década de 1980. Edward foi membro da Elite Morrinhense — uma associação social, cultural e beneficente fundada em 1953, em Morrinhos, e subordinada ao Centro Social Morrinhense — e escreveu vários artigos para o jornal *Voz de Morrinhos* durante a década de 1950. Quando criança, enquanto minha mãe cuidava do restaurante e servia carne de sol às mesas de pessoas famintas, eu brincava na praça e sentava nos ombros do busto de Edward, e não fazia ideia de quem era ou o que aquilo representava.

Era na Rua Joaquim Coriolano Rocha, precisamente ao lado da Praça Edward Silveira, que, por volta das 04:30 da manhã, quando comecei a estudar em Sobral, eu esperava o ônibus passar e me levar para uma cidade que não era minha. Nesse horário da manhã, eu conseguia ver Morrinhos em preto e branco, entre o término da madrugada e o ainda tímido despertar da manhã. No inverno, quando estava frio, a neblina me fazia companhia enquanto esperava a Carolina, o nome de batismo do ônibus que possuía uma estrutura levemente entortada e que rasgava a fumaça trêmula com seus faróis amarelados de querosene.

Enquanto o ônibus percorria as ruas da cidade, buscando os outros alunos em suas residências, eu a observava enquanto seu corpo descansava e ela ainda dormia e relutava em acordar. Sentia, nessa hora, uma profunda melancolia. Observava as casas

com portas e janelas fechadas e ficava imaginando o que as pessoas estariam fazendo lá dentro naquele momento. Minha divagação só era interrompida quando sentia o cheiro do pão quente saindo das padarias, ou quando via os açougueiros espantando, com o balançar dos facões, os cachorros que faziam filas nos frigoríficos à espera do que restava da carne. Enquanto isso, a Carolina, guiada pelo motorista Raimundo, me levava para uma cidade que eu desconhecia em grande parte. Porém, mal sabia eu que, em pouco tempo, também estaria apaixonado por Sobral e faria morada em seu corpo quente.

Por conta dessa diversidade de lugares, ao longo de 750 metros, a rua Joaquim Coriolano Rocha possui uma paisagem olfativa e sonora bem peculiares. Quando era criança, ao ir para a escola, eu sempre a evitava, talvez justamente por conta dessa profusão de diversos cheiros, que me deixava enjoado. O monóxido de carbono expelido pelo escapamento barulhento dos velhos automóveis Chevrolet abarrotados de pessoas da zona rural, notadamente pela manhã, misturava-se com o cheiro do óleo quente que fritava os pastéis e as coxinhas nas lanchonetes, e com o odor forte do ferro presente no sangue do gado ou do porco morto na madrugada, que acabou deslizando pela beira da calçada e coagulou. Minha mãe também a evitava, mas por outras razões, especialmente por seu trânsito caótico.

Naquela rua, eu sentia e ouvia de tudo. Ouvia o grito de crianças, o apelo dos vendedores ambulantes para que as pessoas comprassem seus produtos, a buzina dos chamados “carros de horário”, alertando que já estavam partindo, a maioria para os distritos rurais da cidade, como Sítio Alegre e Espinhos dos Lopes. Eu observava filas e mais filas de pessoas, que se protegiam do sol como podiam, cobrindo seus rostos com pastas já completamente amassadas de tanto se abanarem, feitas de papelão colorido. Elas esperavam, geralmente, do lado de fora da agência bancária e da lotérica, pois não havia mais espaços em seus interiores entupidos de gente. Na beira das calçadas, estacionavam-se motos, bicicletas e carros no meio-fio, o lugar por excelência da divisão e hierarquização da rua e da calçada; do espaço das pessoas e dos automóveis.

Em Morrinhos, as calçadas se constituem numa extensão das casas. Algumas inclusive são personalizadas, com o mesmo piso do interior das residências, como azulejos com detalhes em alto relevo, cerâmicas lisas ou somente o cimento grosso. Caminhar em Morrinhos pode parecer, em um determinado momento, algo dificultoso e, sem o devido cuidado, pode se tornar doloroso. As calçadas não são bem arranjadas,

algumas com batentes enormes e altos. Outras estão parcialmente destruídas, com buracos e rachaduras.

Morrinhos também não possui semáforos e nenhuma orientação sistematizada para o trânsito, nem mesmo fiscalização, tornando-o confuso e marcado pela imprudência dos motoristas. Não há quebra-molas, nem “tartarugas”, ou qualquer outro tipo de redutor de velocidade. A maioria de suas vias hoje estão asfaltadas, com exceção do Quadro da Rua que possui ruas calçadas de blocos de paralelepípedos, e nos bairros mais afastados do centro da cidade, estes com calçamentos de pedras irregulares, disformes e pontiagudas, que dividem seu espaço com a areia.

No Bairro do Centro é onde se localiza o espaço mais emblemático da cidade: o Quadro da Rua, um quadrilátero formado pelas ruas Abdoral Rocha, José Ibiapina Rocha, Monsenhor Ataíde e Padre João Batista. Foi esse quadrilátero o primeiro traçado da cidade e foi a partir dele que ela cresceu. É um espaço emblemático por conta da religiosidade, manifestada pela presença da Igreja Matriz e das missas campais que são realizadas aos finais de semana. Espaço emblemático pelo valor altíssimo dos imóveis existentes em suas ruas, geralmente pertencentes as famílias mais antigas, que ocuparam aquele espaço quando Morrinhos ainda possuía paisagem de fazenda. Espaço emblemático por abrigar, no ponto mais elevado do antigo “Alto da Totonha”, a sede da Prefeitura Municipal, da Câmara Municipal e do Fórum Municipal.

A colocação dos três poderes municipais (Executivo, Legislativo e Judiciário) no Quadro da Rua e no topo de uma elevação, não foi um ato sem racionalidade, não foi ingênuo. Visualizar a cidade de cima, significa lançar sobre ela um olhar que possa ir o mais longe possível, um olhar panóptico que pretenda abarcar uma boa parte de seu espaço. Um olhar vigilante, fiscalizador, amedrontador. Ao mesmo tempo em que faz da localização um espaço de distinção, tomando para si uma posição privilegiada nas relações de poder no espaço da cidade.

No centro do Quadro da Rua está localizada a principal praça de Morrinhos: Praça Coração de Maria, mais conhecida como Praça da Matriz, que também parece representar, para muitos, o coração da cidade. Como todas as outras praças, é um quadrilátero arborizado, com canteiros regados e cheios de roseiras, além de possuir palmeiras em algumas extremidades. Outrora, a praça abrigava uma grande quantidade de girassóis, que desapareceram nas últimas reformas que a praça sofreu⁷.

⁷ Neste momento, todas as praças da cidade estão passando por grandes reformas.

Antes mesmo de conhecer Marcovaldo — o personagem do romance de Ítalo Calvino, que narra as estações da cidade a partir de suas aventuras e seu olhar pouco afeito às paisagens urbanas⁸ — eu muitas vezes deitei no banco de pedra dessa praça, ainda frio e úmido pelo orvalho caído na noite anterior. Fazia isso cedinho, enquanto minha mãe, dentro de um Volkswagen usado, ia comprar pão na Padaria do Jerônimo. Eu fechava os olhos e conseguia ouvir não o canto dos rouxinóis, como o sonhador Marcovaldo, mas o som dos pardais que pulavam de galho em galho. Ouvia o barulho da moto do padeiro, que seguia entregando suas cestas de pães nas bodegas e comércios menores do bairro. Ouvia o apito ou sentia o cheiro do cigarro, feito do fumo Maratá, do Raimundo, um desses “tipos populares”⁹, que vagava durante a noite inteira pelas ruas desertas, até o amanhecer. Ouvia o barulho das patas de jumentos exaustos, misturados com o arrastar do pneu da carroça nas ruas de pedra, trazendo um homem impaciente, de chicote na mão, com grandes baldes de alumínio cheios de leite mungido, para abastecer os vários pontos de venda espalhados por toda cidade.

Se uma pessoa estiver neste mesmo lugar, assim como eu, mas ao final da tarde, terá uma percepção sensorial diferente. Os sons que eu ouvia pela manhã serão substituídos principalmente pelo barulho do sino da igreja, que badala insistentemente chamando os fiéis para mais um encontro com o corpo e sangue do bom Jesus, notadamente para aqueles que podem experimentá-lo. O movimento do padeiro e do leiteiro darão lugar a uma grande procissão de homens, mulheres e crianças, estas últimas manifestando como protesto por sair de casa, um choro agudo. É possível observar um grande número de pessoas que seguem carregando suas cadeiras de plástico em direção à igreja, murmurando entre os passos, uma prece silenciosa, enquanto agarram-se aos terços de madeira escorridos pelos braços. Ao cair da noite, os cheiros que eu havia sentido, do pão quente e do leite recém colhido de uma vaca gorda de tetas enormes, são substituídos pelo forte incenso saído de um turíbulo em chamas, manuseando pelas mãos de um pároco quase invisível em meio a fumaça da queima da resina.

Próximo à igreja, no início da Rua Nossa Senhora de Fátima, está localizado o maior número de bares da cidade, muito provavelmente para desgosto da santa que

⁸ Personagem principal do romance neo-realista de Ítalo Calvino, Marcovaldo é um operário cômico, melancólico e sonhador, que não se adapta aos signos da vida urbana, e procura se deter aos indícios do mundo natural, do que há de natureza no espaço da cidade. CALVINO, Ítalo. Marcovaldo ou As estações na cidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁹ Sobre os tipos populares, Ver: FREYRE, Gilberto. Op. Cit. 2007, p. 55-57.

ofereceu seu nome à rua. Minha mãe, entre 1986 e 2008, possuía uma lojinha de roupas nessa rua, vizinho a um antigo ponto onde minha avó mantinha uma bodega e vendia, principalmente, gêneros alimentícios, antes do câncer a levar embora na segunda metade da década de 1990. Aos domingos pela manhã, eu costumava sair de casa e ir para a loja da minha mãe. Sentava próximo à porta e observava o movimento da rua, enquanto a Auri, amiga da minha mãe, coçava minhas costas depois de eu muito implorar.

O início dessa rua não é plano, tem a forma de um V, com uma ladeira e uma subida. A paisagem sonora e olfativa muda radicalmente daquela que eu experimentava no Quadro da Rua, embora estivessem muito próximos. O clamor dos fiéis e a Ave Maria em uníssono davam lugar ao lamento de bêbados, com hálitos fétidos da mistura de cachaça com limão, que reclamavam veementemente da mulher que ficou em casa e da grande quantidade de filhos que precisavam comer todos os dias. Alguns não aguentavam e desabavam na beira das calçadas, em frente aos bares do Nicolau e do Antônio Célio. Dormiam como se estivessem em casa, embora seja de lá que a maioria estava fugindo. Eu observava tudo isso ao som melancólico do dueto de Leno e Lílian, da voz chorosa de Amado Batista, ou do vozear grave e possante de Nelson Gonçalves. Tudo isso vindo de uma caixa de som no porta-malas de um velho Fiat Uno mal estacionado.

Walter Benjamin (1987), ao dedicar um texto sobre sua infância em Berlim por volta de 1900 ao filho Stefan, afirmou que “saber orientar-se em uma cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução” (BENJAMIN, 1987, p. 73). Benjamin (1987) toca em um ponto importante: o aprendizado da cidade pelos sujeitos que nela vivem. Meu aprendizado de Morrinhos foi juvenil, onde eu partia dessa rua para explorar a cidade. Não ia muito longe é verdade, mas andava por todo o bairro.

Naquela rua eu jogava bila e bola, e, sentado na janela da vizinha Dona Jovem, eu debulhava feijões enquanto assistia atrações em uma TV antiga, com imagem em preto e branco. Naquela rua eu tive a primeira impressão do contraste entre o lugar da tradição e do moderno, do campo e da cidade¹⁰, quando minha mãe estacionou o Del Rey azul ao lado de uma carroça puxada por um burro visivelmente cansado. Ainda hoje,

¹⁰ Sobre campo/cidade e suas relações, Ver: WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

em uma cidade onde os limites do rural e do urbano se confundem, possuindo fronteiras imprecisas, é uma situação comum de se ver quando se percorre suas ruas.

A rua, como lembrou João do Rio, possui uma alma. Nasce, assim como o homem, de um soluço, um espasmo. “Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço” (DO RIO, 1997, p. 4). Eu soluzei e derramei muito suor e lágrimas nessa rua, correndo, caindo e ralando meus joelhos e cotovelos em suas pedras pouco polidas.

A Rua Nossa Senhora de Fátima corta três bairros de Morrinhos: Começa no Centro, passa pelo Cruzeiro e termina no Bairro São José. Nunca morei no Cruzeiro, mas me afeiçoei muito àquele bairro, principalmente por conta de sua praça, que leva o mesmo nome. A Praça do Cruzeiro é a segunda mais antiga da cidade, atrás apenas da Praça da Matriz. Possui este nome por conta de um enorme cruzeiro feito de aroeira retirada da Serra do Mucuripe e trabalhada por Raimundo Nonato Silveira, conhecido popularmente por Doca Silveira, o principal marceneiro da vila e meu bisavô. Foi fincado ali em 1938, por ocasião das celebrações das primeiras Santas Missões na pequena localidade, por dois frades capuchinhos. Lembro que à tardinha, quando eu ainda era muito novo, uma mulher que até hoje é muito próxima da minha família, Maria Perbeniza, me levava para dar voltas na praça, com minha bicicleta adaptada com rodinhas. Na volta para casa, eu passava com ela na *Bombonière* do Betão e enchia os bolsos do jeans levemente rasgado de doces. Minha mãe enlouquecia.

Minha primeira casa foi no bairro São José e eu a adorava. Era grande e lá cabia todos os meus sonhos. Havia uma garagem na frente e um extenso quintal ao fundo, dividido entre dois muros, com um alto coqueiro e onde criávamos dois cachorros. Eu só ia até a primeira divisão, pois minha mãe não deixava que eu fosse além, e a porta estava sempre trancada. Mas sei que na outra parte havia muito mato, era um terreno selvagem, irregular, disforme. De lá eu só conhecia, de vista, uma bananeira e um pé de pinha.

Lembro que na sala havia uma pequena área coberta com pedras cimentadas na parede, onde era possível ver o céu entre as vigas. Meu pai, à noite, sempre depois do jantar, me levava para lá e atava uma rede tucum verde e me fazia dormir, cantando músicas do Roberto Carlos, especialmente *Calhambeque* e *Obsessão*. Em determinada ocasião, onde eu já estava entre o sono e o sonho, ele me mostrou entre as pedras e as

vigas, apontando para o céu escuro, a constelação de Órion, me ensinando o nome das estrelas que dela fazem parte.

Vivi naquela casa durante dez anos, entre 1992 e 2002. Em 1999 minha mãe abriu um restaurante no Centro e, como morávamos relativamente distante, tivemos de nos mudar. Não queria aceitar de forma alguma, pois adorava aquela casa e aquele bairro. Minha mãe acabou vendendo o imóvel para um senhor chamado Elias, que vende peixe na cidade e ele tratou de fazer uma grande reforma na casa. Aquilo me deixou triste, pois não a reconhecia mais como minha, como uma extensão do meu corpo, como um lugar da minha segurança, do meu refúgio. Não é mera coincidência a psicologia freudiana associar a casa à figura materna, da mulher, do útero. Tudo aquilo que acontece dentro da casa, acontece também dentro de nós. A gente habita a casa para depois habitar o mundo.

Próximo à nossa casa, havia um grande terreno onde hoje se localiza a Praça Eduardo Davi, mais conhecida por Praça São José. Essa praça, quando eu morava no Bairro São José, não existia, e foi construída depois que me mudei. Era apenas uma grande área quadrada, coberta de mato, com um caminho muito pequeno que serpenteava no meio das urtigas. Eu o praticava quase todos os dias, saindo de casa em direção à Locadora do Deon, depois de ter feito os deveres da escola, onde jogava videogame até minha mãe sentir minha falta. Também era ali que, nos meus tempos de bom cristão, eu frequentava o catecismo. Fazíamos círculos e fingíamos aprender os sacramentos, quando na verdade passávamos o tempo quase todo flertando com as garotas. O “sagrado” e o “profano” sempre caminharam juntos.

Quando se aproximava do Natal, o parque de diversões chegava à cidade, juntamente com inúmeras barracas que vendiam desde lanches suculentos até panelas de pressão e mídias piratas. Durante a véspera de Natal, uma grande quantidade de pessoas vinha de todas as localidades e as principais ruas eram interditadas para que os veículos não trafegassem. Era nessa área da inexistente praça onde eles instalavam os brinquedos do parque, depois de solicitar à prefeitura uma limpeza mínima naquele espaço, para a retirada do excesso de mato. O circo também chegava e arrancava risos das pessoas enquanto desfilava suas atrações pelas ruas da cidade. Da minha janela, eu via o movimento da rua e observava a montagem da roda gigante, do autopista, do minhocão, da barraca de tiros e da lona laranja do circo sendo erguida. À noite eu comia algodão doce, me divertia com os palhaços e observava a cidade e suas luzes do alto da roda gigante, como quem admira o céu noturno no verão.

Nos dias de folga, meu pai me colocava na garupa de uma moto que era bem maior que ele, e me levava ao Bairro Areal, através da extensa Rua Nossa Senhora de Fátima, que cruza o Bairro São José e se encontra com a Estrada Currálinhos. Eu ficava impressionado de como a paisagem visual e olfativa da cidade mudava drasticamente de um bairro para o outro.

A rua do bairro onde eu morava, que misturava pedra com asfalto, dava lugar a uma estrada carroçável, pedregosa e poeirenta. As casas eram substituídas por carnaubeiras enormes e algumas pequenas fazendas com suas plantações de milho e suas cercas de arame. As pessoas conversando na calçada, jogando dominó ou baralho na praça, desapareciam. Ao invés delas, apenas algumas vacas e bois pastando e comendo capim seco à beira de pequenos fluxos de água. O cheiro do churrasco de calabresa do Tenente e do doce de leite fervendo da Dona Jovem, eram substituídos por um odor forte de fezes, fétidas e frescas, que os animais deixavam pelo caminho. Meu pai me levava até o Poço da Cabrita, onde me falava sobre o mundo, enquanto jogávamos pedras na água fazendo-as pular até se afogarem. Hoje, a paisagem continua mudando drasticamente, mas o Poço da Cabrita já não existe mais. É apenas saudade e terra rachada.

Alguns anos depois da mudança para o Centro, meus pais se separaram definitivamente, e tive que viver numa casa incompleta, mas que agora contava com a presença da minha irmã mais nova. Essa mudança fez com que eu me aproximasse um pouco mais de um bairro que foi profundamente estigmatizado na cidade: o Bairro São Luís, que até pouco tempo era mais conhecido por Bairro da Brasília, embora estivesse longe de ser planejado. Eu o visitava quando ia cortar o cabelo na casa da Dona Neide, ou aos domingos de tardezinha, quando assistia as partidas de futebol amador no Campo da Brasília.

É um bairro de ruas escuras, de caminhos tortuosos. Até pouco tempo, a grande maioria de suas casas eram de taipas, feitas com barro e amparadas por troncos de carnaubeiras. Porém, a sua fisionomia vem mudando drasticamente durante os últimos dez anos. O governo municipal vem investindo em projetos para melhorar a qualidade das residências, construindo pequenos conjuntos habitacionais. Vem melhorando também a qualidade das ruas do bairro, que antes eram apenas caminhos de terra e poeira, e hoje a maioria já estão calçamentadas. A energia elétrica, que antes se limitava à Rua José Ibiapina Rocha, agora contempla todo o bairro.

Porém, não poderia falar de Morrinhos sem mencionar um lugar bastante especial: o Rio Acaraú. Não se pode falar de Morrinhos sem falar do rio. Não se pode conhecer Morrinhos sem visitar o rio. A cidade e as pessoas que nela residem necessitam dele para viverem. As minhas primeiras experiências com o “rio das garças” não foram através de meus pais, e sim da amiga Perbeniza, que me levava sempre para passear pela cidade, e no roteiro o rio estava incluso. Na ausência de meus pais, eu ia com ela e sua família ao rio, vestindo minha apertada sunga azul com listras verdes.

Aqui parece que a cidade vive um tempo diferente. Não o tempo da aceleração, da pressa das pessoas ao telefone, dos automóveis, do relógio analógico que parece deslizar seus ponteiros mais rapidamente. Perto do rio, parece que a cidade, que se banha em suas margens, se dá ao luxo de deitar e descansar. É um tempo lento, arrastado, vagaroso, moroso. É o tempo do pescador, que espera pacientemente o peixe morder a isca bem colocada no anzol e fazer balançar a vara. Daquele que não busca o peixe grande, mas joga a tarrafa na água à procura das pequenas piabas. É o tempo do agricultor, que mobiliza sua enxada cavando pequenos buracos para plantar o feijão em sua vazante. É o tempo da lavadeira, que se aproxima do rio com uma enorme trouxa equilibrada na cabeça, puxando dois ou três filhos pequenos vestidos com retalhos de vestes remendadas e surradas, para ajudá-la a bater as roupas contra as pedras sujas de lodo e sabão.

Eu observava tudo isso enquanto enterrava meus pés na areia, já com as pontas dos dedos enrugadas de tanto tomar banho. Quando olhava em minha volta, tinha a certeza de que o rio aqui era mais azul. Era mais vivo do que quando eu o admirava de longe, de cima do “Alto da Prefeitura” ou do Serrote do Cafim. Mas eu tinha medo de sua correnteza, da forma como ela levava as flores, de como tragava os peixes que tentavam nadar contra seu fluxo e de como arrastava os pequenos pedaços de troncos das árvores que se desprendiam dos barrancos. Tinha medo da correnteza levar meus sonhos de garoto direto para o mar.

Enquanto escrevia este texto, resolvi novamente subir ao topo do Serrote do Cafim, para ver as mudanças no corpo de Morrinhos lá de cima. O caminho de subida mudou bastante: a metade do percurso agora é calçamentado, e várias outras antenas de TV e telefonia móvel foram colocadas no local. Desta vez, não me furei com os espinhos de mandacaru. A paisagem da cidade, porém, parece não ter mudado muito quando vista aqui de cima. Continua com seu corpo anguloso, cheio de curvas e reentrâncias, deitada de lado, quase de braços, enquanto observa o rio que beija sua

cintura. O rio, embora parcialmente seco por conta da escassez de chuvas dos últimos anos, ainda banha as margens da cidade que não deixa de viver sem ele.

Porém, parece que agora, a já mais velha Morrinhos se espreguiçou e estendeu seus braços e suas pernas. É possível notar o crescimento dos bairros mais extremos, São Luís e Areal, com seus novos conjuntos habitacionais e suas novas ruas. As pequenas casas, a grande maioria com apenas o térreo, que observávamos lá de cima, agora ganharam novos andares, ficaram mais altas. As ruas, antes cinzentas por conta das pedras, agora estão banhadas pela camada negra do asfalto.

Enquanto descia e sentia o odor forte de fumaça do lixo queimando no pé do Serrote do Cafim, adentrei na cidade e senti aquilo que Mevlut Karataş, vendedor turco de boza e iorgute, retratou a respeito de sua Istambul: “uma sensação estranha”¹¹. Uma cidade que se moderniza e se modifica de forma violenta, que derruba seus edifícios, que alarga suas ruas e que destrói suas tradições. Sinto que a Morrinhos que vivenciei durante a infância, a cidade das ruas de pedra, do chafariz azul, das histórias de vampiros, lobisomens e discos voadores, da praça com girassóis e dos sorvetes e cachorros-quentes comprados nas barracas durante o Natal, vai cada vez mais se perdendo na poeira do tempo, indo embora todos os dias junto ao pôr-do-sol.

Antes de subir no Serrote do Cafim, resolvi convidar meu pai mais uma vez para ver Morrinhos lá de cima, mesmo sabendo que ele não iria. Cheguei em sua casa e lá estava ele, sentado em uma cadeira de madeira à beira da calçada, afinando o violão Giannini com suas cordas de nylon já muito gastas. Quando fiz o convite, ele sorriu e começou a cantar o trecho de uma música triste de Lupicínio Rodrigues (1973):

Eu vou mudar o meu barraco mais pra baixo
As minhas pernas já não podem mais subir
Alto do morro era bom na mocidade
Na minha idade a gente tem que desistir

Subir o morro antes era brincadeira
Até carreira eu apostava e não perdia
Quando eu subia todo mundo me aclamava
E reclamava toda vez que eu descia (RODRIGUES, *Meu barraco*, 1973).

Considerações finais

No início de uma quente tarde de domingo, do dia 29 de março de 1992, minha mãe sentia fortes dores. A bolsa havia estourado e ela só estava com sete meses de

¹¹ Sobre a história de Mevlut Karataş, Ver: PAMUK, Orhan. **Uma sensação estranha**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

gestação. Minha avó, naquele momento, puxou o terço e começou a rezar. Eu queria logo sair ao mundo e não media esforços para isso. Às pressas, a bordo do Fusca da amiga Marialda, minha mãe me levava a Fortaleza para nascer. Apertava a barriga com força, como se quisesse me dizer que o mundo era demasiado desumano e eu era inocente demais para encará-lo de frente naquele momento. Eu não a escutei. Assim, no balanço do Fusca e após a agonia da viagem, eu nasci prematuro e desterritorializado da cidade que mais tarde tomei como minha.

A viagem de Morrinhos a Fortaleza, com uma breve parada em Itapipoca, foi minha primeira migração entre cidades. Não foi a única. Mas minhas idas e voltas para conhecer o mundo foram sempre entre cidades, e isso talvez justifique minha paixão por elas. Minhas vivências no campo foram mínimas. E assim como Orhan Pamuk, que nunca deixou Istambul, nunca deixou seus bairros, as ruas de sua infância, embora tenha vivido em cidades diferentes de tempos em tempos¹², eu também nunca deixei a cidade onde cresci, onde brinquei em suas ruas, onde amei em suas esquinas.

Atualmente, a Morrinhos que acabei de descrever e que possui um papel importante em minha vida, tem muito em comum com as cidades do interior cearense, especialmente aquelas à sua volta, que nasceram e sonharam um dia ser grandes. Muitos daqueles que vivem em Morrinhos migram para trabalhar no polo moveleiro da cidade vizinha de Marco, nas indústrias em Sobral, ou se aventuram a viver na capital, Fortaleza.

Com um crescimento econômico lento, dependendo em grande medida do comércio e dos serviços públicos municipais, Morrinhos sobrevive à beira do rio que a possibilitou nascer. Nasceu perto do rio e cresceu desordenadamente, entre o morro e o asfalto.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Antropos, 1985, p. 296-332.

BENJAMIN, Walter. *A infância em Berlim por volta de 1900*. In: **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 71-143.

¹² Sobre a relação entre memória e cidade. Ver: PAMUK, Orhan. **Istambul**: memória e cidade. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CALVINO, Italo. **Marcovaldo ou As estações na cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DO RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 5ª edição. São Paulo: Global, 2007.
- FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Áreas (orgs). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006.
- PAMUK, Orhan. **Uma sensação estranha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- PAMUK, Orhan. **Istambul: memória e cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. Volume 1: No caminho de Swann. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- RYKWERT, Joseph. **A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade**, São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2003.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Cid Morais Silveira

Graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2015). Mestre (2018) e doutorando em História e Espaços pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de Doutorado (DS) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro do grupo Corpus: grupo de estudos e pesquisas em história dos corpos e das sensibilidades (UFRN/UEPB). Membro do Conselho Editorial da Revista Espacialidades (PPGH/UFRN) e da Editora SertãoCult. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Contemporânea e História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: história e historiografia dos espaços nos séculos XIX e XX; história e literatura; história das sensibilidades e das emoções.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/5434753825771874>

Artigo recebido em: 14 de Junho de 2021.

Artigo aprovado em: 06 de setembro de 2021.